

REPENSAR AS FACULDADES DE FILOSOFIA-TAREFA URGENTE

*Wlademir dos Santos

Entendemos que há, hoje, urgente necessidade de se estabelecer novas finalidades, ou repensar as existentes, para que as Faculdades de Filosofia possam transformar-se em agentes de mudança de nossa sociedade. Isso, evidente, é decorrência de entendermos que o modelo atual está esgotado.

Em 1954, em brilhante artigo, no qual analisava a Universidade em geral e a Faculdade de Filosofia em particular, D. Beda Kruse (1) lamentava o fato de que esta devia se dedicar à formação do magistério para o ensino secundário e normal, pois isso acabaria por "favorecer direta ou indiretamente, o tecnicismo profissional" (2). Entendia que as Faculdades de Filosofia deviam se ater aos altos estudos, desinteressados e técnicos, bem assim à pesquisa nos vários domínios da cultura. Isso em 1954, quando havia no Brasil pouco mais de uma vintena dessas escolas e a nossa, de Sorocaba, se não me falha a memória, era a

*Bacharel e Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. Mestre em Educação.

1) D. Beda KRUSE, Desenvolvimento e Importâncias das Faculdades de Filosofia no Plano Educacional Brasileiro de 1936 a 1950. PAIDEIA, FFC1-Sorocaba, I (1), 1954, p. 35-114.

2) Idem, p. 105.

quinta que se instalava no Estado de São Paulo.
(3).

O tempo veio confirmar que os prognósticos de D. Beda estavam corretos. Apenas não sei o que pensa hoje a respeito do assunto. Se continua com as mesmas idéias, certamente tem arrepios quando sabe que temos, no Brasil de hoje, centenas dessas Faculdades, como verdadeiras escolas voltadas para o tecnicismo profissional.

O modelo legal de Faculdade de Filosofia que conhecemos, tem a sua origem na década de 30, com a criação da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro (1931), à que logo se seguiu a de São Paulo (1934), mais tarde integrada à USP. A Faculdade de Filosofia de São Bento, criada em 1908 para estudos desinteressados, logo se adaptou ao novo modelo.

O Decreto-Lei 1190, de 4/4/39, que criou o modelo legal das Faculdades de Filosofia, estabelecia como finalidades: "a) preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada e técnica; b) preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal e, c) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituam objeto de seu ensino". Dessa maneira, ao lado de uma função voltada para os estudos em alto nível, de ciências puras e técnicas, era também conferida à Faculdade de Filosofia, de forma accessória, a tarefa de formar professores. Uma concessão ao pragmatismo, que não preocupou a maioria dos docentes e dirigentes dessas instituições, alheios à prática educacional então corrente nas escolas de nível médio.

Por uma série de motivos, conforme anotou Jo

-
- 3) Antes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba já funcionavam, no Estado de São Paulo: a da USP, a de São Bento, a do "Sedes Sapientiae" e a de Campinas.

sê Augusto Dias (4), a partir da década de 50, passa a haver uma verdadeira corrida para as escolas. As possibilidades de ascensão social estavam fechadas aos que não possuíam nenhuma escolaridade.

Essa expansão indiscriminada do ensino médio vai exigir a formação de quadros docentes, e as Faculdades de Filosofia, que não estavam preparadas para isso, são profundamente tocadas. Daí a razão do aparecimento de um sem número de faculdades, a ponto de qualquer cidade do interior se achar no direito de construir a sua. Improvisaram-se prédios, improvisaram-se bibliotecas e material, assim como se improvisou o pessoal docente. Numerosos bem sucedidos professores de ensino médio foram alçados, ou promovidos, a professores universitários.

Essa improvisação do quadro docente levou ao que muitos chamaram de rebaixamento do nível de ensino. Na verdade não houve rebaixamento, mas um ensino voltado para a tarefa específica de formar professores. E esse quadro docente fez isso da melhor maneira que lhe foi possível. Sem possuir profundidade, por que eram apenas profissionais do magistério, transmitiram o que sabiam e o que podiam. Talvez, para essa função de preparar professores que se entregou às Faculdades de Filosofia em caráter prioritário, esse pessoal improvisado estivesse melhor preparado que os luminares e as brilhantes cabeças que lecionavam nas Faculdades de Filosofia do passado.

Não se pense, todavia, que essa nossa colocação nos torna partidários das atuais Faculdades de Filosofia, tal qual vêm sendo conduzidas. Entendemos que as duas formas, que assumiram em nosso tempo, conduziram à formação de um pessoal alienado das verdadeiras responsabilidades num mundo em transformação. Antes, porque fechava os

4) José Augusto DIAS, org., Ensino Médio e Estrutura Socio-Econômica, MEC/INER, 1964.

olhos à realidade circundante e se dedicava às essências e altas especulações; hoje, porque diploma pessoas com a responsabilidade de lecionar, sem que tenham a largueza de vistas necessária para influir na transformação de um mundo iníquo e injusto.

A escola, como nos ensina uma sociologia contemporânea, é um instrumento de conservação da sociedade tal como está, "reproduzindo" as relações de dominação (5). A pretensa democratização que está em sua base, "oportunidades iguais para todos", é apenas slogan que justifica a exclusão que se processa de maneira brutal, das classes baixas, e que num artifício semântico é chamada de evasão.(6). E quanto mais tecnicista ou neutra se pretenda a pedagogia, melhor cumpre esse desiderato de excluir grandes massas e permitir que uns poucos cheguem ao cume da escolarização,

5) Pierre BOURDIEU e J.C. PASSERON, A Reprodução, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1975, trad. Reynaldo Bayrão.

6) A matrícula inicial na 1a. série em 1973, foi de 6.181.137 crianças, das quais foram promovidas para a 2a. série, 3.963.216. No ano de 1974 estavam matriculadas na 2a. série apenas 3.144.620, somando aí as repetentes dessa série, em torno de 400/500.000 crianças. Isso significa que, dos 6,1 milhões de crianças que iniciaram os estudos em 1973, apenas cerca de 2,7 milhões ainda estavam na 2a. série. Dados obtidos no ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL, 1976, pub. pela Fund. IBCE.

como forma de manutenção de status social (7).

Duvidamos que alguém concorde que as coisas devam continuar assim; que as escolas devam ser apenas instrumento de conservação da sociedade, estratificada tal como está. Entendemos que é tarefa do professor romper esse esquema, não se prestar a manipulador de mecanismos que provocam a exclusão das classes baixas. E isso implica em abertura de vistas, num preparo que transcende o simples domínio das técnicas didáticas ou dos conteúdos a transmitir. Alguns até já se propõem a elaborar uma "pedagogia do conflito" (8).

Daí, como dissemos de início, ser urgente a tarefa de repensar as finalidades das Faculdades de Filosofia: nem os altos estudos descompromissados, nem o tecnicismo estreito, ambos alienadores. Que se formem professores sim, mas professores capazes de sair, levantar as vistas, para um horizonte mais amplo. Que sejam agentes de transformação e não de conservação.

7) Diversos estudos têm sido realizados com essa finalidade. Cito especialmente os trabalhos de HUTCHINSON - (Mobilidade e Trabalho, INEP-MEC, Rio, 1960), e de Cláudio de Moura CASTRO - Eficiência e Custo das Escolas de Nível Médio: Um estudo Piloto na Guanabara, IPEA-INPES, Rio de Janeiro, 1971.

8) Moacir GADOTTI, Revisão Crítica do Papel do Pedagogo na Atual Sociedade Brasileira (Introdução a uma Pedagogia do Conflito), Educação & Sociedade, Cortez & Moraes/UNICAMP, I (1) set./78, p. 5/16.